

**A INSURREIÇÃO CONTESTADA:  
WILLIAM STYRON E *AS CONFISSÕES DE NAT TURNER***

Cláudia Maria Ceneviva Nigro (UNESP)

**RESUMO:** Neste trabalho apresentamos meandros de “veracidade” no romance histórico de William Styron, *As confissões de Nat Turner*, levando em consideração o ponto de vista do narrador. Ao falar do negro, Styron mantém, de certa maneira, a perspectiva do branco, além de também perpetuar a distância criada pelo sistema escravista e segregacionista dos Estados Unidos da América.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura e história, William Styron, sistema escravagista

**A CONTESTED UPRISING:  
WILLIAM STYRON AND *CONFESSIONS OF NAT TURNER***

**ABSTRACT:** This work presents intricacies of "truth" in the historical novel *Confessions of Nat Turner*, by William Styron, considering the point-of-view of the novel's narrator. When speaking about the black, Styron somehow keeps the white's perspective, and also perpetuates the distance created by the slavery and segregationist system of the United States of America.

**KEYWORDS:** Literature and history, William Styron, slavery system



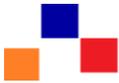
## Introdução

*As confissões de Nat Turner* (1985), livro escrito por William Styron, é o romance sulista que aponta as polêmicas surgidas nos Estados Unidos nos anos que se seguiram as I e II Guerra Mundial. Trata-se de uma das leituras da sangrenta rebelião de escravos ocorrida em 1831, no estado de Virginia. Algumas destas leituras polêmicas foram a de Stephen B. Oats, em *The Fires of Jubilee: Nat Turner's Fierce Rebellion* (1975), seguida por Daniel Panger, *Ol'Prophet Nat* (1967), e ainda outra de F. Roy Johnson, *The Nat Turner Slave Insurrection* (1966). Apesar de tantas publicações sobre a insurreição (1831), só uma se tornou popular e essa foi, seguramente, o romance, publicado pela primeira vez em 1967, em inglês, ganhador do conhecido prêmio *Pulitzer*, em 1968. É especificamente sobre esse romance que trataremos aqui.

William Styron, escritor sulista branco, deixa-se levar pelas influências regionais. Não coloca, em sua obra, a perspectiva histórica que liga a destruição do sujeito à destruição da comunidade da qual faz parte. Menospreza a importância do sul (como a tradição da plantação), mas as associações românticas com o romance sulista são mantidas e ocupam lugar importante em sua ficção.

O romance de Styron interpela, em 1967, os negros americanos, os historiadores e os críticos, pois levanta questões como a da literatura sobre minorias, do homem negro e do caráter do escravo no sul, questões apropriadas agora também para o Brasil, que implementa leis contrárias ao racismo, mas ainda sustenta uma perspectiva branca e segregacionista ao aplicá-las. Em resposta ao romance, surge, em 1968, editado por John H. Clark, *William Styron's Nat Turner : Ten Black Writers Respond* (1987). A "irritação" dos escritores negros se justifica. Veremos como isso se dá.

Sabe-se há tempos que a narração objetiva e imparcial esperada da história torna-se inviável, dado que historiadores são influenciados por fatores subjetivos. Há teses narrativistas na Escrita da História, como diz Luís Costa Lima (1988), entretanto, a narrativa histórica de Nat Turner se diferencia da



literatura apenas em grau. Os eventos reais ou fatos históricos abordados são manejados com a ajuda de formas ficcionais, tornando as fronteiras frágeis.

O gênero controvertido do romance histórico, muitas vezes implementa um ponto de vista do fato alheio ao sofrimento dos protagonistas envolvidos. O campo bastante fértil dos estudos históricos e literários atualmente deixa claro a não invasão de campos, mas uma visão interdisciplinar (LE GOLF. e NORA, 1988). No romance histórico o que predomina é a literatura. O acontecimento ou fato histórico serve como meio para representar uma época e para agir sobre os sujeitos. Não é a verdade histórica (também questionada) que o escritor tenta passar aos leitores. O que se pretende é transformar o fato histórico em matéria estética e, conseqüentemente, significativa. O escritor reescreve o fato em que se baseia, lançando mão de elementos literários e de uma história que segue o seu próprio ponto de vista: uma perspectiva, uma leitura da História que imprime sobre o leitor uma realidade muito mais próxima do cientificismo livresco, apartado da condição de estar no mundo. É importante notar, entretanto, que essa perspectiva não é somente matéria estética. Pode haver também uma transformação do fato histórico em matéria/propaganda político-ideológica e, então, a literatura não só mostra a ideologia do autor numa tempestade de questionamentos que alteram, de fato, a percepção do leitor, mas imprime um modo de olhar unicista. Ao fazê-lo, torna-se panfletária e não mais literária.

### **O escritor e o narrador**

William Styron reescreve a História de uma insurreição escrava tendo como base o conhecimento anterior que carrega, com todas as suas crenças e ideologias. Até aí, nenhuma novidade. O escritor recorre ao documento “Ao público”, um panfleto de cerca de vinte páginas intitulado “As confissões de Nat Turner”, publicado em Richmond, no início de 1832, um ano após a insurreição e incluído na tradução brasileira do romance (1985).



Nas primeiras páginas (p.11-13) Styron concebe uma introdução como a mesma do panfleto, escrita e assinada por Thomas R. Gray, em Jerusalém, condado de Southhampton, Virginia, datada de cinco de novembro de 1831. Gray mostra-se, no documento, um sulista branco radicado à tradição da plantação e toma o escravo como um ser inferior, não humano, que precisa ser castigado e, quando se rebela, é apresentado com características bestiais. Explica a insurreição com a finalidade de mostrar que o levante foi “apenas” local e tranquilizar a população sobre outros levantes possíveis. Do documento “Ao Público” empresto o segundo parágrafo para demonstrar a visão escravagista de T.R. Gray:

um fanático revolvia, nos recessos de mente obscura, confusa e perturbada, planos de um massacre indiscriminado de brancos ... Jamais uma horda de selvagens fez sua obra de morte de maneira mais completa ... Constitui uma tremenda e - espera-se - útil lição sobre o funcionamento de uma mente como a sua, lutando para compreender coisas muito além do seu alcance, de como ela ficou confusa e depois corrupta, levando à concepção e a perpetração dos atos mais atroz. (1985, p.12)

Além da exposição de Gray, os membros do tribunal não nomeiam Nat Turner como suficientemente são para atestar seu valor, mas acrescentam o nome que considera imprescindível a um escravo: o nome do proprietário, o falecido Putman Moore.

Em nota do autor, Styron afirma que algumas partes do documento foram incorporadas ao livro, mas não faz menção de onde poderiam estar estas partes e nem o que, de fato, incorporou. Na tentativa de confirmar a veracidade da história a que se refere, Styron diz “no decorrer da narrativa, raramente me afastei dos fatos conhecidos a respeito de Nat Turner e da revolta que ele chefou” (1985, p.13), comprovando ainda o comprometimento com a História de seu tempo e, ao mesmo tempo, o mérito do trabalho realizado. Dando continuidade à citação anterior Styron afirma:

Entretanto, no que se refere aos aspectos conhecidos em relação a Nat, à fase inicial de sua vida e às motivações da

revolta (e, na maior parte dos casos, nada se sabe), permiti-me o máximo de liberdade e de imaginação na reconstituição dos acontecimentos – embora confiando não haver saído dos limites do pouco que a História nos deixou sobre a instituição da escravatura. (p.13)

Styron escreve sobre a insurreição tomando por base uma única fonte, além de não a questionar. Deixa de ver as outras existentes em livros de História Americana, Enciclopédias, entre outras publicações.

Segundo John H. Franklin e Alfred Moss Jr. (1989), a insurreição de 1831 provém do pânico de 1820, da reação desesperada dos negros à escravidão. Sendo Nat um escravo na Virgínia e uma pessoa mística e inconformada com os horrores a que os negros eram submetidos, sente-se escolhido por Deus para livrar o povo desta situação. Ao ser educado pelos padrões existentes na Bíblia – Nat aprendeu a ler no livro sagrado -, age tal como Moisés, que liberou os hebreus do Egito. Espera um sinal divino, um eclipse do sol em fevereiro com o sol de um “azul esverdeado peculiar” (1985, p. 86) de agosto e marca a revolta para o dia 21 de agosto. Nat e seus seguidores matam inicialmente a família de Joseph Travis, um dos seus proprietários, e, em seguida, outras famílias da região. Em 24 horas, há mais de sessenta brancos mortos no caminho dos negros à liberdade, até que tropas estaduais e federais os alcançam. Mais de cem negros são mortos, treze escravos e três negros libertos enforcados e Nat executado no dia 11 de novembro de 1831.

John Spencer Bassett (1922) diz que os negros insurrectos foram o maior pesadelo para a comunidade americana escravagista e Richard Hofstadter (1967) apresenta Nat como um pregador que incita a revolta sangrenta, na qual cinquenta e sete brancos e aproximadamente cem negros foram mortos. Afirma também que esta foi a última revolta de escravos. A Enciclopédia Britânica (1976) apresenta o verbete “Nat Turner”, uma das fontes mais completas sobre o escravo e sua revolução, com dados biográficos de Nat e toda a trajetória, seguida de dados numéricos sobre a revolução.



A Enciclopédia da Cultura Sulista (1989), editada por Charles R. Wilson e William Ferris, descreve a rebelião de 1831 como um levante de escravos liderados por um escravo pregador, além de demonstrar a importância política da rebelião para a libertação dos negros no final do mesmo século. Sobre Nat, além de informações biográficas, aponta a importância da História em se tornar fórum de debates culturais e históricos.

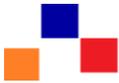
Famoso no folclore e na tradição oral dos negros americanos, Nat expressa o desejo dos negros pela liberdade. Chamado de *Ol'Prophet Nat* torna-se uma figura viva na história “escondida” da escravidão americana, um líder iluminado.

### **O sistema escravista nos Estados Unidos**

O sistema escravista do sul dos Estados Unidos no século XIX foi semelhante ao do Brasil. Os negros vinham predominantemente do cinturão das florestas (golfo de Guiné, Benin e Congo), entregues por mediadores, e esta era a forma dominante de comércio. Em nome da estabilidade da plantação, o escravo era tratado com rígido método disciplinar, podendo, até mesmo, ser degradado moral e espiritualmente, posto que não fosse considerado cristão. Chegavam ao Sul para trabalhar nas plantações de fumo, algodão, etc., com famílias tradicionais sulistas, que os tinham em menor consideração que os animais da casa.

No início do século XIX, o algodão tornou-se um negócio extremamente lucrativo e a escravidão no sul ainda mais incentivada. Com a abolição no norte do país (Connecticut e Rhode Island -1784; New York -1799 e New Jersey -1804), o tráfico proibido (1807) e o solo exaurindo-se, o algodão passou da Virginia para outros estados como o Arkansas, exigindo uma demanda de escravos provenientes da Virginia.

Essas pessoas eram exploradas e maltratadas na maioria das plantações. Impingidos com estereótipos como desvantagem psicológica, intelectual, raça de espírito infantil, inferiores biologicamente, ossatura semelhante à do



macaco, entre outros, viviam nas plantações de maneira insustentável em pequenos barracos sem janelas, nem móveis, denominados *cabins* (cabanas). Dormiam no chão, usavam fossas comunitárias e não podiam partilhar da menor condição de higiene. A família escrava foi constantemente dizimada segundo os investimentos lucrativos dos senhores. Trabalhavam doze horas por dia em jornada de serviços forçados e, ao menor sinal de fadiga, impunham-se açoites, perpetrados por feitores. O negro tinha que se portar diante do branco com postura corporal inclinada para baixo, nunca olhando nos olhos e sempre dizendo “sim, patrão”. Não pronunciavam uma palavra sem serem convidados a fazê-lo e qualquer contravenção a esses “costumes” sulistas rendiam-lhes castigos monstruosos. A violência era prática muito comum, o que levava muitos escravos à fuga e ao sonho persistente de liberdade.

### **O Romance de Styron**

No romance de Styron alguns elementos fictícios, referindo-se aos escravos, misturam-se aos elementos históricos tornando-os representativos da realidade histórica, sob a ótica do poder político dos senhores de escravos. Tais elementos podem ser interpretados como perfeitamente cabíveis aos moldes da situação dos escravos sulistas do século XIX, na Virginia. É como se o narrador sustentasse que o absurdo fosse prática comum no sul dos Estados Unidos e não devesse causar choque algum por parte dos leitores dos anos 80.

O narrador (autor-implícito) impregna o personagem Nat Turner da visão do próprio Styron sobre a escravidão. Em certas ocasiões, chega, até mesmo, a apresentar tons racistas, uma das razões pela qual o romance pode ser considerado polêmico. Além da opinião confessa do narrador-personagem, há questões sobre narratividade, imagens e outros elementos ficcionais que também conferem o mesmo tom ao romance.

A narrativa inicia-se com a visão de Nat do promontório, do cabo onde o rio se junta ao mar, em um dia claro, luminoso, sem sombras; da



aproximação, sozinho em um barco, carregado pelo próprio movimento do rio, que fatalmente desembocará num “mar sem limites”; do edifício branco e quadrado, feito de mármore, sem portas, nem janelas, que se ergue sobre o promontório em frente do oceano. Por meio dessa descrição de uma visão constante do personagem Nat, o narrador parece sentir necessidade de mostrar o ser humano incapaz de realizar-se perante o mundo dos brancos. Nat retrata o negro sob o ponto de vista do branco, como se a procura fosse sempre o intangível. É o animal que realiza, mas precisa ser guiado.

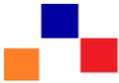
Após a reflexão, inicia-se a trama, com Nat descrevendo, em primeira pessoa e no passado, a situação da prisão. A primeira cena remete à situação final, quando, após ser capturado e esperando em uma cela pelo julgamento e morte, vêm-se-lhe as lembranças.

O romance, em sua totalidade, é um questionamento sobre a revolução, descrito por meio de tais lembranças. Os personagens, então, vão sendo introduzidos e, para o leitor, eles estão perdidos no texto, pois surgem como apenas cumpridores de funções e são apresentados separadamente pelo narrador, sem conexão com os outros personagens. Não questionam o estabelecido e nem refletem sobre a própria vida. Ao longo da narrativa as relações entre eles vão se estabelecendo.

Nat Turner, o herói negro americano dos contos orais e do folclore afro-americano, descreve-se e é descrito como o protagonista que não conquista o leitor, pois o narrador o apresenta como um revolucionário extremista que defende a si mesmo por meio da raça, justificando a luta do negro como um resgate da superioridade, ou seja, um racismo às avessas.

O narrador induz também à leitura do personagem histórico representativo da luta pelos direitos dos negros como um fanático religioso e insano, reforçando os conceitos fundantes da escravidão de que o negro não pode ser “humano”, intelectual, pois não suporta “meditações” e, conseqüentemente, perde-se em devaneios religiosos e enlouquece.

Nat é apresentado como um menino desligado que vive num mundo idealizado. Trata-se de um efeito negativo na construção do personagem,



somado a outro efeito: Nat não se vê como negro e tem repulsa pelos seus iguais. O ódio aos negros é sentido pela descrição que faz da comunidade. Só se dirige aos negros quando se reporta os atos cometidos por eles que reprova. Considera-os, muitas vezes, animais, desumanizando-os.

De repente, todos me parecem tão estúpidos como uma troça de mulas, e detesto-os todos. (1985, p.98)  
(...) estúpido como um porco selvagem encurralado num matagal, rosnando e espalhando sua raiva bruta. (1985, p.97)

O narrador descreve o negro vendo-o com inferioridade. Nat chega a ser caricaturado como ardiloso e desleal, sempre pretendendo ser o que não é. Este comportamento falso, adequado às circunstâncias, é visto em todos os negros, como se fosse uma característica da raça, usurpando-lhes a humanidade. A posição do negro frente ao branco é frequentemente encenada e a visão do negro como preguiçoso também é exposta.

Styron não apresenta Nat como um revolucionário nacionalista, que tenta ver uma possibilidade para seu povo sofrido na escravidão, e sim um assimilacionista que se revolta porque não recebe o tratamento do branco que julga adequado.

Em relação à sexualidade, mais uma vez encontra-se um forte racismo. O desejo de Nat aparece sempre relacionado à menina branca, reforçando a desvalorização da raça, comparando as meninas negras aos animais. E, na impossibilidade de realização do desejo, mostra-o como negro que não controla os instintos. Assim, a relação com o negro Willis não se fundamenta em uma opção sexual do personagem, mas em mais uma incapacidade de Nat de estabelecer relações com compromisso. Na descrição o narrador mostra-se segregacionista, agora com os homossexuais. Encontra-se mais um preconceito contra o canonizado: se Nat é louco e mata muitos brancos é seguramente justificado por não ser homem, por ser homossexual. A compreensão da diferença inexistente. O narrador descreve-o como negro, louco, e homossexual.



Há ainda outras colocações racistas referindo-se ao tratamento adequado aos escravos, à infantilidade como característica, ao seu espírito de gatuno, entre outras.

Apenas os personagens brancos são definidos com nomes completos. Os negros, propriedade dos senhores brancos, apesar de carregarem o sobrenome que lhes foi dado, aparecem na narrativa apenas com apelidos: "... com nomes dóceis e abreviados, que lembram desaparecidos cachorrinhos de estimação..." (1985, p.121).

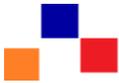
A hostilidade do branco sulista perante o negro escravo está espalhada por toda a extensão do livro. Já de início, Gray explica a Nat que os escravos são um direito de propriedade, assim como uma carroça, com a única diferença de ser a carroça um bem inanimado e o escravo um bem animado. A opinião de Benjamin Turner (um dos seus proprietários) também é fundamental nessa caracterização racista. Até mesmo o patrão Samuel, personagem que acredita no progresso da humanidade, crê na inferioridade da raça negra, o que é aceito naturalmente pelo protagonista:

(...) de que jovens de cor, como você, podem vencer obstáculos naturais da sua raça e pelo menos adquirir rudimentos de instrução que lhes permitam empregar-se em ocupações que não sejam só as do mero trabalho animal. (1985, p. 167)

Isto sem mencionar as atitudes dos senhores de escravos como Nathaniel Francis, Thomas Moore, o reverendo Eppes, o jovem Putman, Miss Maria Pope e todos os personagens que ora se mostram cruéis, ora compartilham do sistema escravagista permanecendo omissos.

Até mesmo a Bíblia é utilizada como justificativa para o sistema. Nat, apesar de pregador, explora, em seus sermões, uma visão do cristianismo como resignação aos sofrimentos, como medo da punição divina e, acima de tudo, considera Deus como adepto do sistema da escravidão humana.

A esperança de Nat em achar uma justificativa para a liberdade transformadora leva-o a pensar que a revolta é um desígnio de Deus. Para tanto, usa a seguinte passagem de Ezequiel:



Atravessa Jerusalém e coloca um sinal na testa dos homens que suspiram e choram por todas as abominações que lá sejam praticadas... Mata jovens e velhos, donzelas e criancinhas e mulheres: mas não te aproximes de nenhum homem que tenha o sinal... (1985, p.57).

O narrador apresenta a revolução do ponto de vista pessoal e individual de uma mente insana, que influencia as pessoas e as manipula de acordo com as próprias ordens internas. Como não contamos com o panfleto “Ao público” mencionado acima na íntegra (apenas com as 20 páginas da introdução), não podemos certificar a “verdade” da história. Entretanto, podemos, por todos os elementos representados com relação ao narrador e aos outros personagens (elementos que afirmam a discriminação), questionar essa verdade. Seguindo o raciocínio do próprio autor-implícito, citamos a seguinte passagem:

E, certamente, também, sua patética fé na história acabara por lhe tirar da cabeça esses medos e essas apreensões, permitindo-lhe ter sonhos mais calmos e agradáveis – pois não era verdade que tal coisa jamais acontecera? Não era fato conhecido até do mais humilde fazendeiro ou vagabundo branco que havia algo de estupidamente inerte naquele povo, algo abjeto, indolente e desfibrado, que nunca o deixaria ser perigoso, ousado, ou intrépido, que havia mais de dois séculos o mantinha em dócil submissão? Por certo Travis depositaria confiança no frágil testemunho da história... (1985, p. 323).

O narrador emprega, ironicamente, a ideia de que a revolução foi um fato histórico, pois sente que, devido a uma cultura de desumanização em relação ao negro, dificilmente uma insurreição será um fato histórico incorporado à História Americana.

William Styron apresenta extrema habilidade na construção dos personagens, do narrador. Trabalha a linguagem e, muitas vezes, torna-a poética e cinematográfica, num hibridismo de gêneros que valoriza o romance. Entretanto, ao mostrar a história de Nat Turner e, ao mesmo tempo, não acreditar nas histórias contadas oralmente por um povo de “tão pouca credibilidade”, Styron não coloca apropriadamente *As confissões de Nat Turner* sob o ponto de vista do excluído da História, do subalterno. Não há



uma reivindicação de poder do negro. Esse outro não é respeitado em sua singularidade. Desenha-se o outro como reflexo da própria concepção do eu. Talvez o escritor, por não conhecer bem a cultura de que estava tratando, descreve um povo aculturado e apresenta ideias distorcidas, como o conceito de Negritude\* negativamente delineado. A marca da raça relacionada ao animal, à cor escura de que não se pode livrar, foram concepções infundadas reforçadas pelo narrador.

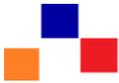
Por se tratar de um romance envolvente, em que o fato histórico levanta questões relativas ao negro americano e ao lugar destes na sociedade norte-americana, Styron consegue reunir elementos históricos, escritos sob o ponto de vista dos dominantes e, a partir deles, reconstrói uma “revolução”, embora diversa daquela que atribui à personalidade histórica Nat Turner, hoje revista por outra ótica.

A literatura é o espaço onde ideologias pululam e, de preferência, trazem questionamentos sobre o instituído, tornando o leitor questionador de verdades e aberto a novos pontos de vista. A história é texto e pretexto para inúmeras viagens a outros mundos, outras épocas, outras realidades. Ao sentir o sabor da arte não podemos ser os mesmos, arraigados em preconceitos e (pré) julgamentos. Talvez por isso a revolução de Styron não convence e se conserva ainda aberta a tantas críticas.

## Referências

---

\* O termo "Negritude" aparece pela primeira vez escrito por Aimé Césaire, em 1938, no seu livro de poemas *Cahier d'un retour au pays natal*; está intimamente associado ao trabalho reivindicativo de um grupo de estudantes africanos em Paris, nos princípios da década de 30, de que se destacam como principais responsáveis e dinamizadores Léopold Sédar Senghor (1906) senegalês, Aimé Césaire (1913), martinicano, e Leon Damas (1912), ganês. Estes autores da Negritude legaram-nos uma obra literária da máxima importância; mas foi Senghor que, com a Presidência do seu País (Senegal) e uma larga aceitação Ocidental (política literária e académica) contribuiu decisivamente para a divulgação da Negritude. É a Senghor que são atribuídas as primeiras tentativas de definição do conceito de Negritude: "Conjunto dos valores culturais do mundo negro" (GARRIDO, N. O Movimento da Negritude. Disponível em: <http://www.prof2000.pt/users/hjco/alternativas01/pag00009.htm> )



BASSET, J. S. **A Short History of the United States: 1492–1920.** New York: Macmillan, 1922.

CLARK, J. H. **William Styron's Nat Turner: Ten Black Writers Respond.** Boston: Praeger, 1987.

COSTA LIMA, L. Clio em questão: a narrativa na escrita da História. *In: \_\_\_\_*. **Narrativa: ficção e história.** Rio de Janeiro: Imago, 1988.

FRANKLIN, J. H. e MOSS JR. A. **From Slavery to Freedom: A History of African-Americans.** New York: McGraw-Hill, 1989.

HOFSTADTER, R. *et al.* **The United States: the History of a Republic.** New Jersey: Prentice-Hall, 1967.

JOHNSON, F. R. **The Nat Turner Slave Insurrection.** Murfreesboro: Johnson Pub Co, 1966.

LE GOLF, J. e NORA, P. **História: novos problemas.** Trad. Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

OATS, S. B. **The Fires of Jubilee: Nat Turner's Fierce Rebellion.** New York: Harper Perennial, 1975.

PANGER, D. **Ol'Prophet Nat.** Wiston-Salen: J.F.Blair, 1967.

STYRON, W. **As confissões de Nat Turner.** Trad. Vera Neves Pedroso. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

WILSON, C.R. E FERRIS, W. (Ed.). **Encyclopedia of Southern Culture.** Vol. I, II, III, IV. New York: Anchor Books Doubleday, 1989.

THE NEW ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA in 30 vol. Micropaedia vol.X. Chicago, 1976.

Recebido em 08/05/2013.

Aceito em 10/07/2013.

**Cláudia Maria Ceneviva Nigro**

Professora adjunta do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), da UNESP, *campus* de São José do Rio Preto, onde atua na Graduação (Letras e Tradução) e no Programa de Pós-Graduação em Letras.

E-mail: cmcn@ibilce.unesp.br